

A verdade jurídica além das margens do mundo: O silenciamento das violações¹

Índios Caiuás recusam-se a entregar dois veículos

*Os Guarani Kaiowá da RI Dourados (MS) continuam retendo os dois caminhões da Prefeitura de Maracaju (MS) que transportaram 10 famílias indígenas expulsas da Fazenda Alegria, há uma semana*²

“A terra parecia sobrenatural. Nós nos acostumamos a olhar sobre a forma acorrentada de um monstro conquistado, mas lá, lá podíamos olhar para algo monstruoso e livre. Era sobrenatural e os homens eram... não, eles não eram humanos. Bem, como vocês bem sabem, isso seria pior – essa suspeita de eles não serem humanos. Aquilo vinha surgindo aos poucos. Eles uivavam, pulavam e rodopiavam, fazendo horríveis caretas; mas o que nos aterrorizava era justamente a ideia da humanidade deles – como a de vocês – a ideia do distante parentesco com aquela selvagem e apaixonada baderna. Horrível. Sim, era horrível o suficiente; mas se vocês fossem homens o suficiente, admitiriam para vocês mesmos que havia em cada um o mais leve traço de resposta à terrível sinceridade daquele barulho, uma fraca suspeita de haver naquilo um significado que vocês – vocês que se encontram tão distantes da noite das primeiras eras – pudessem compreender. E por que não? A mente do homem é capaz de qualquer coisa, porque tudo se encontra dentro dela, todo o passado assim como todo o futuro. O que havia lá, então? Alegria, medo, dor, devoção, coragem, cólera – o que mais poderia ser dito? – além da verdade, a verdade despida dos mantos do tempo. Deixai que o tolo fique boquiaberto e estremeça – o homem a conhece e pode observar sem mesmo piscar. Mas o homem precisa pelo menos ser tão homem quanto aqueles homens nas margens.” (CONRAD, 2011:41-42)

A projeção de Mercator de 1569 do cartógrafo belga Gerardus Mercator revolucionou a navegação ao permitir a projeção do globo terrestre em um retângulo plano. Por outro ponto de vista, podemos considerá-la a representação gráfica da concepção de mundo com o centro na Europa (Eurocêntrica) e a consequente definição das margens. Margens e seus habitantes : os marginais.

A descrição de Marlow, protagonista do romance “O Coração das Trevas” (CONRAD, 2011), expressa, de forma metafórica, o assombro do centro do rio, com as inexplicáveis , sobrenaturais, ruidosas manifestações dos homens situados às margens.

¹ V ENADIR - GT. 04 - Processo, construção da verdade jurídica e decisão judicial

² *Índios Caiuás recusam-se a entregar dois veículos*. Jornal de Minas. Belo Horizonte, MG.22 jul 1986

SCHMITT (1990) aborda o silêncio da representação das margens, uma vez que os registros históricos fundam-se no centro. Uma história “Mercatorizada” onde o que “(..) escapava ao ao seu olhar era apenas ‘resto’, *supérfluo*, ‘sobrevivência’ anacrônica, ‘silêncio’ cuidadosamente entretido ou simples ‘ruído’ sobre o qual se evitava falar(Michel de Certeau)(SCHMITT,1990:261).

Estes silêncios dos “marginais”, identificados por SCHMITT (1990) como os “excluídos” e “mudos da história tradicional”. Como exemplo, como desconsiderar que a utilização de registros fiscais para reconstrução de uma população de uma determinada cidade, acarreta a necessária exclusão dos que não pagavam tributos?. Dos que se situavam no “mundo selvagem”, na “inculta floresta”, no espaço em que o Estado ausente permite a presença dos “seres demoníacos e bandidos” que não têm “domicílio fixo”, “moram em qualquer lugar”, “gente sem senhor” e “inúteis ao mundo”.

Estas definições inerentes ao espaço exterior às aldeias e cidades e, eventualmente, a determinadas partes delas próprias se avolumam ao nos dirigirmos às margens do mundo conhecido. O encontro com os habitantes do “Novo Mundo” acarretou a imediata adjetivação dos “índios” com as características inerentes aos marginais acrescidas do estranhamento com a alteridade, como exposto por COLOMBO(1986:62-63) “(...) *mas me pareció que era gente muy pobre de todo(...)*que me pareció que ninguna secta tenían (...)llevaré de aquí (...) para que deprendam hablar”.

Esta desconsideração plena do diferente e, especialmente dos seus “*gruñidos*”, “*ladridos*”, “*ruído ininteligible*” que “*tuvieron el mismo maestro de lengua, que ha enseñado a los perros a ladrar de la misma forma em todos los países*” (MELIÁ 2004:177) acarreta claros reflexos nos registros históricos destas comunidades. O primeiro é o reducionismo da diversidade sensorial à bidimensionalidade da escrita. DAHER (2012; 25,26) anota que o historiador Léry narra a sua dificuldade em representar ‘por escrito, e nem mesmo por “pintura aqueles que ainda vê diante dos olhos e dos quais terá para sempre a ideia e a imagem no

entendimento”. Denota-se que a “ininteligibilidade” da realidade e da oralidade é substituída pela coerência e legibilidade da escrita. O segundo é a separação entre verdade e ficção, o estabelecimento das versões que prevalecerão nos registros históricos. A primeira citação registra esta dicotomia. Qual versão prevalecerá: a retenção dos caminhões ou a remoção dos integrantes da comunidade indígena? A chamada no título da matéria nos indicia a resposta. TODOROV(1995) apresenta que o problema reside na definição de verdade. E teoriza ao estabelecer a sua categorização em “verdade-adequação” e “verdade-revelação”. Estas duas abordagens serão enfrentadas nos tópicos seguintes:

1. A ORALIDADE PERDIDA

“Somente palavras que andam, passando de boca em boca, lenda e cantos, no âmbito de um país, mantém vivo um povo”.

A citação de Grundtvig por CERTEAU (1998) retrata a relevância da oralidade para as manifestações culturais da própria sociedade envolvente, mas ao mesmo tempo apresenta algo que necessita ser domesticado, normalizado, controlado. Sob o ponto de vista de Certeau, a mudança da economia oral para a economia escritural é o necessário precursor do reino do panoptismo (BUCHANAN, 2000: 78).”*O desenvolvimento excepcional e até mesmo canceroso, dos procedimentos panópticos parece indissociável do papel histórico que lhes foi atribuído, o de ser uma arma para o combater práticas heterogêneas e para controlá-las”*(CERTEAU, 1998:115).

Ora, é um truísmo que a heterogeneidade dos “selvagens” americanos necessita ser domesticado, normalizado, controlado. O jugo do colonizador se manifesta pelo controle da palavra : “*El dueño de la palabra*” (MELIÁ, 2004). A definição do que deve ser ouvido e lido é por ele estabelecido e, como exposto, a linguagem escrita desempenha especial papel na organização da sociedade : “*lenguaje del señor y del dictador, por excelência*”.

CERTEAU(1998) denomina de “Ciência da Fábula” um termo que pode abranger as hermenêuticas eruditas que visam introduzir na linguagem autorizada, escrita, a “voz do povo”: as manifestações orais associadas à religião, aos loucos, crianças, populares e, obviamente, selvagens. Esta definição abrange as ciências religiosas, psiquiatria, procedimentos historiográficos e a etnologia. Estas heterologias (ou ciências do outro) visam escrever a voz.

O processo reducionista da diversidade da alteridade repousa na definição de um objeto, definido como fábula e um instrumento, a tradução. A definição como fábula visa estabelecer uma situação de inferioridade do falante como alguém que “não sabe o que diz”. As suas palavras deverão esperar a interpretação erudita para que se explicito o seu real significado.”*A dominação do trabalho escriturístico se acha assim de direito fundada por essa estrutura de fábula que é o seu produto histórico*”. (CERTEAU, 1998,254).

Para que seja implementada a dominação utiliza-se o instrumento da tradução: A transformação em “mensagens escriturísticas, produzidas e compreendidas” os ruídos “insólitos” ou sem sentido provenientes das vozes. Este processo supõe uma traduzibilidade de todas as espécies de manifestações linguísticas (icônicas, gestuais ou sonoras).

Este processo de tradução e normalização do heterogêneo visa atender ao progresso. “O progresso é do tipo escriturístico”. A oralidade é estabelecido como parâmetro negativo do qual as práticas “legítimas”, associadas à ciência e ao ensino, devem se afastar. “*Oral é aquilo que não contribui para o progresso: e reciprocamente, “escriturístico” aquilo que se aparta do mundo mágico das vozes e da tradição*” (CERTEAU, 1998:224) Poderiam ser estabelecidos, nos frontões da modernidade, inscrições como “Aqui trabalhar é escrever” ou “Aqui só se compreende aquilo que se escreve”.

O processo de escrever definido como “(...) *construir um texto que tem um poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado*” (CERTEAU, 1998: 225) contém três elementos decisivos:1) a página em branco: 2) o texto e 3) alteração da realidade.

A página em branco de forma metafórica, representa a assepsia científica, “*um lugar desenfeitado das ambiguidades do mundo*”. “*efetua-se um corte no cosmos tradicional, onde o sujeito era possuído pelas vozes do mundo*”. (CERTEAU, 1998: 225)

Em seguida ao recorte cartesiano na realidade, temos a produção sistêmica de um texto, destinado a conferir ordem e significado aos “grunidos”, “ladridos”, “ruído ininteligível” que “*tuvieron el mismo maestro de lengua, que ha enseñado a los perros a ladrar de la misma forma em todos los países*” (MELIÁ 2004:177).

Por derradeiro, o processo de alteração da realidade, está associado à função estratégica da escrita como normalização da heterogeneidade. “*As coisas que entram na página são sinais de uma passividade do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas do seu poder de fabricar objetos*”. Clara consequência de conformação da alteridade aos modelos eurocêntricos é a sua natureza colonizadora.

Exemplo fornecido por CERTEAU(1998) destes três elementos associados à prática conquistadora é o livro **Robinson Crusóé**, de Daniel Defoe, O livro apresenta a página em branco (representada pela ilha que demarca um espaço próprio), a produção de um sistema de objetos por um sujeito senhor (“*El dueño de la palabra*”) e transformação/domesticação do mundo natural. A conquista do desconhecido, da margem do mundo, se inicia pela decisão de escrever o diário e, conseqüentemente, estabelecer o domínio sobre o tempo e sobre as coisas.

Exemplo fático deste desconsideração da oralidade enquanto portadora da realidade e não apenas de registros míticos pode ser apresentada na seguinte entrevista do historiador Antonio Brand (DA SILVA, 2012):

“(...)Eu cheguei a Dourados dia 12 de setembro de 1978 e, dia 15, o meu primeiro contato com os Guarani foi exatamente para fazer o levantamento de uma aldeia inteira que tinha sido expulsa, e trazidos para Bodoquena, que eram os índios do Rancho Jacaré. Fui fazer o levantamento de dezoito casas queimadas, foi o meu primeiro trabalho com os Guarani. Eu fui junto com outros colegas, e o que eu vi, o meu primeiro impacto, foi uma aldeia inteira sendo transferida em caminhões de gado, forçado, numa operação de cooperação entre a FUNAI e a Companhia Matte Laranjeira. Jogaram os índios em Bodoquena e, ao mesmo tempo, eu li nos jornais da época, o administrador regional da FUNAI (que até hoje, aliás, está aqui) dizendo

que se previa um êxodo de índios para Bodoquena. Mas antes disso, também, dois meses antes de vir pra cá, eu tinha lido outra matéria em que a FUNAI também tinha desalojado violentamente os índios, um grupo de índios Ofaié-Xavante de Brasilândia, e levado para Bodoquena. O primeiro ato político meu aqui foi fazer esse levantamento e fazer uma nota, que a Diocese publicou, denunciando essa destruição da aldeia do Rancho Jacaré.

A transformação da realidade é nítida. Os registros orais de oposição ao deslocamento são normalizados como “êxodo voluntário” para áreas distantes dos interesses da empresa em apreço: transformação em “mensagens escriturísticas, produzidas e compreendidas”, os ruídos “insólitos” ou sem sentido provenientes das vozes dos “selvagens”.

2. O SILENCIAMENTO DO OUTRO : REALIDADE E DISCURSO

TODOROV (2003) detalha o encontro de Cristóvão Colombo, tido como o “descobridor” da América, com os índios:

“Colombo fala dos homens que vê unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores.

[...]

Fisicamente nus, os índios são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural: caracterizam-se, de certo modo, pela ausência de costumes, ritos e religião (o que tem uma certa lógica, já que, para um homem como Colombo, os seres humanos passam a vestir-se após a expulsão do paraíso e esta situa-se na origem de sua identidade cultural.

[...]

É de se esperar que todos os índios culturalmente virgens, página em branco à espera da inscrição espanhola e cristã, sejam parecidos entre si "Todos pareciam-se com aqueles de que já falei, mesma condição, também nus e da mesma estatura (17.10.1492). Vieram muitos deles, semelhantes aos das outras ilhas, igualmente nus e pintados (22/10/1492). Estes têm a mesma natureza, e os mesmos hábitos que os até agora encontramos (1.11.1492).

[...]

A atitude que Colombo para com os índios decorre da percepção que tem deles. Podemos distinguir, nesta última, duas componentes que continuarão até o século seguinte e, praticamente até os nossos dias, em todo colonizador diante do colonizado. [...] Ou ele pensa que os índios [...] são seres completamente humanos com os mesmos direitos que eles e aí, considera-os não somente iguais, mas idênticos, e este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros, ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida, em termos de superioridade e inferioridade.

Esta compartimentação, esta ignorância do outro, este “ Encubrimiento” do diferente preside as relações desde o primeiro contato e acarreta, claramente, a utilização das instituições de controle para a devida domesticação da alteridade. O processo de transmutação da realidade

ao transpor a ininteligibilidade” das vozes, dos gestos, das vestimentas (ou ausência de) para um registro escrito sistêmico, caracterizado pelo reducionismo comparativo (o seu Deus é..., por exemplo) avança na escolha das versões a serem utilizadas para retratar determinados acontecimentos.

Este processo de seleção é narrado por TODOROV(1995) Ao analisar as relações que se estabelecem entre ficção e realidade, examina a proposição de Paul Valéry que afirma que quando contemplamos um retrato antigo temos uma tendência em considera-lo verdadeiro. A mesma conclusão se se estenderia aos livros. Não haveria possibilidade de distinguir entre verdade e ficção, entre livros de “testemunhos verdadeiros” dos de “testemunhos imaginários”. Estabelecer se os autores são inventores ou repórteres. Estas afirmações não acarretam que consideremos todos os livros igualmente verdadeiros, mas as razões que utilizamos para estas conclusões não tem conexão com as suas reais autenticidades, que desconhecemos. O que efetivamente consideramos é a sua verossimilhança, não a verdade, o efeito do real (*“L’effet de réel”*), não a realidade ou a verdade efetivamente.

Mas, como sabido e igualmente exposto por TODOROV(1995) a questão não se resume á mera desconsideração da inexistência de fatos e sim de meras interpretações. Para tanto apresenta dois interessantes problemas: Se fossemos julgados por um crime não cometido, consideraríamos, de forma principiológica, que que ficção e verdade sejam equivalentes ou que a ficção seja mais verdadeira que a história? Diante de alguém que negasse o genocídio nazista, aceitaríamos que o debate não tem sentido, já que tudo não passa de interpretações? Como haveria a superação do paradoxo de considerar a distinção entre ficção e realidade na vida prática e negá-la na teoria?

O problema todo está na noção de verdade. Não se pode confundir a verdade-adequação (*la verité a"adequation*) com a verdade-revelação (*la verité de dévoilement*) A primeira resume-se no binômio tudo ou nada, verdadeiro/falso. Na segunda, algo é mais ou menos verdadeiro, mais ou menos falso. Por exemplo, é verdadeiro ou falso que X cometeu um

determinado crime, o mesmo pode ser dito em relação à afirmação de pessoas mortas em campos de concentração nazistas. Se alterarmos a pergunta para as causas do nazismo, temos um cenário completamente diferente: as respostas podem conter apenas mais ou menos verdade, uma vez que visam revelar a natureza de um fenômeno, não apenas fatos.

A diferenciação exposta não resolve completamente o problema das relações entre ficção e história. Nenhum historiador pesquisa exclusivamente fatos., uma vez que não contém explicações significativas, o que obriga o historiador a tentar interpretá-los, deslizando inevitavelmente para a segunda categoria, a da verdade-revelação. Interessante exemplificação da teoria é a apresentação do enfoque histórico de Cristóvão Colombo e Américo Vesúcio. Apesar de ser considerado o “descobridor” da América. O nome do continente pode ser derivado da verossimilhança dos relatos apresentados por Américo Vesúcio e o consequente “efeito do real” produzido nos acadêmicos de então.

TROUILLOT(1995) ao abordar o silenciamento histórico da revolução haitiana (a única exitosa de escravos contra senhores) aponta que uma das características atribuídas às sociedades não-ocidentais seria o embaralhamento das fronteiras entre ficção e verdade. Neste sentido, a equiparação da história indígena aos mitos de criação. É a mesma resposta teórica fornecida às línguas indígenas. A verificação de inexistência de livros de gramática ou dicionários associada à incapacidade dos “selvagens” de entender e aplicar regras gramaticais acarretaram a pronta conclusão da inexistência destas regras.

Podemos considerar este debate interessante, mas desconsiderá-lo do ponto de vista metodológico, especialmente se assumirmos como premissa a formulação teórica de TODOROV: O que importa é o ‘efeito do real’. Ou seja, como a verossimilhança da narrativa é concebida pelo destinatário.

Esta afirmação sobre os efeitos da narrativa no utente do texto não retira da arena um debate necessário sobre a sua forma de produção, especialmente pelos silêncios das vozes no seu processo de produção. TROUILLOT(1995) teoriza que o silêncio entra no processo

histórico em quatro momentos: O momento da escolha dos fatos ('fact creation'), de escolha dos documentos ("fact assembly"), a execução da narrativa ('fact assembly') e o momento de definição dos pontos mais significantes da narrativa ("making of history").

Voltando ao início do presente ensaio, apresentemos a notícia integral para que possamos discorrer sobre este processo de silenciamento do passado:

Índios Caiuás recusam-se a entregar dois veículos

Campo Grande- Os índios Caiuás continuam retendo em sua reserva de Dourados os dois caminhões da prefeitura de Maracaju, a 120 quilômetros da capital, que transportaram 10 famílias da tribo expulsas da fazenda Alegria, há uma semana. Apesar da pressão do prefeito Jair do Couto, que estaria entre os 40 pistoleiros que reforçaram a saída das famílias, os Caiuás recusam-se a entregar os dois veículos. Segundo informou hoje a Delegacia local da Funai, os caminhões somente retornarão à Prefeitura depois que for definido em que posto indígena ficarão as famílias desalojadas.

Depois da expulsão dos Caiuás da fazenda, onde existem cemitérios de seus antepassados destruídos pelo proprietário, Sebastião Marcondes, o clima na região é mais tranquilo. Oito agentes da Polícia Federal, armados de metralhadoras, estão na reserva de Dourados, e não se registrou nenhum distúrbio. A preocupação da Funai, ao recorrer à Polícia Federal, foi uma possível tentativa dos pistoleiros de invadir a reserva em busca dos dois caminhões, o que não ocorreu.

As dez famílias Caiuás deverão ser alojadas no posto indígena de Panambi, próximo a Dourados. Outras cinco famílias que haviam desaparecido foram localizadas em uma fazenda, trabalhando na lavoura.³

Considerando, um exercício acadêmico, como narrativa histórica a notícia jornalística, teríamos o silenciamento das vozes dos "selvagens" inicialmente pela escolha dos fatos a serem objeto de pesquisa: a expulsão dos indígenas, supostamente por 40(quarenta) pistoleiros ou a retenção dos veículos que teriam transportado as famílias expulsas. A segunda etapa de silenciamento ocorre pela escolha dos informantes: as famílias expulsas não são sequer nominadas e têm as vozes substituídas pelo representante do órgão indigenista. Possivelmente, porque "uivavam, pulavam e rodopiavam, fazendo horríveis caretas" e havia algo de incompreensível neles (CONRAD 2011). E, por último, a escolha dos pontos mais relevantes da narrativa com a ênfase na retenção dos caminhões

TROUILLOT(1995) discorre que a narrativa histórica não pode ser estudada como uma mera cronologia dos seus silêncios, eles apenas expõem de forma evidente, quando e onde o Poder entra na

³ *Índios Caiuás recusam-se a entregar dois veículos*. Jornal de Minas. Belo Horizonte, MG.22 jul 1986

história. Esta afirmação conteria, contudo, uma incorreção; Ela pressupõe a possibilidade de bloqueio do Poder, como entidade externa, ao processo produtivo. O problema é que o Poder é elemento da história. Ele está contido em suas fontes. Citando Foucault “*Não acredito que a questão de ‘Quem exercita o poder?’ possa ser resolvida a menos que outra questão ‘Como ele acontece?’ seja resolvida ao mesmo tempo’* (Apud TROUILLOT 1995:28). No mesmo vetor, aponta Hannah Arendt, “(...) *uma das lições que podem ser apreendidas das experiências totalitárias é a assustadora confiança de seus dirigentes no poder da mentira – na capacidade de, (...), reescreverem a história uma e outra vez para a adaptar a passada a uma linha política* ” (Arendt, 2015, p.14).

BIBLIOGRAFIA:

ARENDRT, Hannah *Crisis de la República*. Madrid: Editorial Trotta, 2015.

BUCHANAN, Ian *Michel de Certeau. Cultural Theorist*. SAGE Publications. London, England, 2000.

CERTEAU, Michel de *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1998

CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In: _____. *A escrita da história*. 2. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2007.

COLOMBO, Cristóvão *Los cuatro viajes: testamento*. Ed, de Consuelo Varela, Madrid, Espanha, 1986.

CONRAD, Joseph *O Coração das Trevas - Heart of the Darkness* tradução e notas Fabio Cyrino } São Paulo : Editora Landmark, 2011.

DAHER, Andrea. *A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

DA SILVA, Meire Adriana - *Documentos. Entrevista com Antonio Jacó Brand* - TELLUS, ANO 12, Nº 23, JUL/DEZ.2012

MELIÀ, Bartomeu *El Encubrimiento de America..* . In: _____. MELIÀ, Bartomeu; TEMPLE, Dominique. *El don, la venganza y otras formas de economía guaraní*. Asunción del Paraguay, CEPAG (Centro de Estudios Paraguayos ‘Antonio Guasch’, 2004

SCHMITT, Jean-Claude. *A história dos marginais*. In: LE GOFF, Jacques et al (org.). *A nova história*. Coimbra: Almedina, 1990

TODOROV, Tzvetan *A Conquista da América.: A questão do outro*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TODOROV, Tzvetan, *Fictions and Truths*. In: _____ *The morals of history*; translated by Alyson Waters. University of Minnesota Press, Minneapolis, USA. 1995

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silencing the past: Power and the production of History*. Beacon Press, Massachusetts, USA, 1995

TRUDELL, John *Apud FORTE, Maximilian C. Who is an indian ? Race, place and the politics of indigeneity in the Americas*. University of Toronto Press, Canada..2013.p.4

WOORTMANN, Klaas. *O selvagem e a História. Heródoto e a questão do Outro*. Rev. Antropol., São Paulo , v. 43, n. 1, p. 13-59, 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012000000100002&lng=en&nrm=iso>. Acces on 20 Oct. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000100002>